

Resenha do livro: Lugar de Fala – Djamila Ribeiro

Book Review: Lugar de Fala- Djamila Ribeiro

Resenha del libro: Lugar de Fala- Djamila Ribeiro

Lediane Pereira Ramos

Mestranda em Educação pela Universidade Federal de Rondonópolis - UFR
Matupá- Mato Grosso - Brasil

E-mail: leidianemaisa@hotmail.com

Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-5481-8682>

Resumo: Esta resenha traz reflexões acerca do Livro lançado primeiramente em 2017 por Djamila Ribeiro, que é o primeiro da coleção “Feminismos Plurais”, intitulado “Lugar de fala”, onde a autora abrange as interseccionalidades relacionadas às desigualdades raciais e de gênero a partir do olhar de autoras negras e de sua própria experiência enquanto mulher negra e, também, autora. Djamila traz nos três capítulos do livro diversas discussões e reflexões, dentre elas a importância do feminismo da mulher negra, o silenciamento e a invisibilidade histórica que esta parcela da população sempre esteve instituída. Lugar de fala é uma obra advinda da militância da própria autora e das outras mulheres destacadas nos textos, buscando sempre uma representatividade nos diversos espaços da sociedade, em que a mulher negra sempre esteve sub representada ou teve sua participação anulada. Assim, a obra busca representações teóricas negras, possibilitando o protagonismo feminino negro em locais que antes não eram permitidos.

Palavras-chave: Feminismo. Lugar de fala. Mulher negra.

Abstract: This review brings reflections on the book launched in 2017 by Djamila Ribeiro, which is the collection “Plural Feminisms” entitled “Place os speech”, where the author covers the intersectionalities related to racial and gender inequalities from the perspective of black authors and of her own experience as black woman and also as author. Djamila brings in the book several discussions and reflections, among them the importance of the silenced and the historical invisibility that this part of the population has Always been instituted. Lugar de fala is a work arising from the author herself and other women highlighted in the texts, Always seeking representation in the various spaces of society, where black women have Always been under-representation canceled. Seeking black theoretical representations, enabling black female protagonism in places that were not allowed before.

Keywords: Feminism. Place. Black Woman.

Resumen: Esta revisión trae reflexiones sobre el libro lanzado em 2017 por Djamila Ribeiro, que es el primeiro de la colección “Feminismos plurales”, titulado “Lugar de expresión”, donde la autora cubre las interseccionalidades relacionadas con las desigualdades raciales y de género desde la perspectiva de los negros. Autores y de su própria experiencia como mujer negra y también como autora. Djamila trae em los três capítulos del libro varias discusiones y reflexiones, entre ellas la importancia del feminismo de la mulher negra, el silenciamento y la invisibilidade histórica que siempre se ha instituido esta parte de la población. Lugar de fala es uma obra que surge del activismo de la própria autora y de otras mujeres destacadas em los textos, buscando siempre la presentación em los distintos espacios de la sociedade, donde las mujeres negras siempre han estado infrarrepresentadas o se las há cancelado su participación. Buscando representaciones teóricas negras, possibilitando el protagonismo femenino negro em lugares antes no permitidos.

Palabras Clave: Feminismo. Lugar. Mujer negra.

Data de recebimento: 21/06/2022

Data de aprovação: 30/04/2023

DOI: 10.30612/riet.v3i1.14960

Introdução

Em seu livro, Djamila Ribeiro nos faz refletir sobre vários contextos que implicam em como se entende o feminismo negro no Brasil, e logo nos posiciona a romper com a ideia de que ela não está discutindo projetos, mas que devemos entender que feminismo negro é justamente romper com a cisão criada numa sociedade desigual, patriarcal, machista, misógina, e anti LGBTQIA+. E nos mostra quão significativa é a importância das produções intelectuais das mulheres negras, colocando-as na condição de sujeitos e seres ativos que, historicamente, vêm fazendo resistência e reexistências nos diversos setores da sociedade. Na obra, ela evidencia que o objetivo da discussão é contribuir para o debate do lugar de fala das mulheres negras onde se possam ver diferentes perspectivas de pensadoras negras. Assim, a autora procura colaborar com a discussão de temas referentes à vulnerabilidade das mulheres negras, como o encarceramento, o racismo cultural e estrutural, dentre outros. Neste livro, a questão racial não é um mero recorte, vai muito além. Lugar de fala é uma questão estrutural, em que a realidade descrita são as experiências de grupos sociais marginalizados por uma sociedade que sempre assumiu seu papel de exclusão e silenciamento de falas negras.

Desenvolvimento

Na obra em questão, Djamila nos propõe a ideia de que nós, mulheres negras, nos tornamos sujeitos de fato ao poder expor nossa linguagem, falar em nosso nome, pois “desde muito tempo as mulheres negras vêm lutando para serem sujeitos políticos e produzindo discursos contra hegemônicos” (2019, p. 18). Ela cita a escolha de Sojourner Truth que foi uma abolicionista afro-americana, para trazer um pouco da História dessas lutas, deste lugar de fala que há muitos anos tantas mulheres negras importantes neste movimento buscam.

Ao trazer os relatos de Sojourner Truth (1851, p. 19), que se diz sentir-se invisível como mulher negra em comparação a branca, ela busca evidenciar os processos sociais que a envolve, visto que “nunca ninguém me ajuda a subir numa carruagem, a passar por cima da lama ou me ceder o melhor lugar! E não sou uma mulher? Olhem para mim! Olhem para meu braço!” e segue dizendo “Eu capinei, eu plantei, juntei palha nos celeiros e homem nenhum conseguiu me superar! E não sou uma mulher?”. Traduzir sua indignação, seu sentimento de não pertencimento a um gênero, a um grupo, talvez seja esse ainda o sentimento de muitas mulheres na atualidade, que usam sua escrita, seu intelecto para exigir - como Sojourner Truth (1851) exigiu tão ferozmente - seu lugar no mundo, sua visibilidade. Salienta ainda em sua narrativa, uma interlocução entre feminismo e a prática do feminismo como sendo negra, pois se leva em conta intersecções como raça, orientação sexual e gênero, nos deixando claro que existem várias possibilidades de ser mulher, e todas elas têm suas relações, mesmo que tenha demorado para isto ficar claro para a sociedade, pois “O que a voz de Sojourner traz, além de inquietações e necessidade de existir, é evidenciar que as vozes esquecidas pelo feminismo hegemônico já falavam há muito tempo” (p. 23).

Outra autora negra e feminista destacada por Djamila, é Lélia Gonzalez (1984), cuja produção nos faz refletir sobre quem sempre pode falar e quem não pode, propondo “a descolonização do conhecimento e a refutação de uma neutralidade epistemológica” (2019, p. 25).

Prosseguindo na discussão, Djamila vai discorrendo sobre outras autoras e suas concepções, suas experiências, memórias e vivências, citando, também, Linda Acoff (2016) e Bell Hooks (2013). A intenção, é produzir uma reflexão sobre como historicamente algumas identidades (as de mulheres negras), “têm sido silenciadas e desautorizadas no sentido epistêmico, ao passo que outras são fortalecidas” (2019, p. 28), ou de como “é preciso perceber que o colonialismo reifica as identidades e como não é possível fazer um debate amplo sobre um projeto de sociedade” sem que antes de tudo se possa “enfrentar o modo pelo qual as identidades são criadas dentro da lógica colonial” (p. 30).

O lugar de fala das mulheres negras, segundo a autora, perpassa pelo olhar colonizador sobre nossos corpos, assim como Patrícia Hill Collins (2016) e Lélia Gonzales (1967) o perce-

beram em suas vivências, em que a mulher não é vista a partir de si, mas a partir do outro (neste caso, a partir do homem). Um termo descrito pela autora, que é usado por Patrícia Hill Collins nos mostra outras posições que nós mulheres brancas ocupamos na sociedade, o que chama de “Aprendendo com *outsider within*: a significação sociológica do pensamento feminista negro” (2019, p. 44), que em português livre significa “forasteira de dentro”, e cita a importância de fazermos usos criativos dos lugares de marginalidade que ocupamos na sociedade, para que possamos desenvolver teorias e pensamentos que reflitam diferentes olhares e perspectivas e, assim, poder compreender nossos lugares de fala. Collins argumenta, ainda, que nós mulheres negras não somos vistas como iguais e, mesmo fazendo parte de instituições de ensino ou do ambiente de trabalho, ocupamos o lugar da marginalidade.

Outra importante contribuição vem de Sueli Carneiro (2003, p. 50), falando que apesar do mito da fragilidade feminina as mulheres negras nunca presenciaram tal ato, visto que esse tratamento ficou para as mulheres brancas frágeis. Na fala de Carneiro, “Mulheres (nós negras) que não entenderam nada quando as feministas disseram que as mulheres deveriam ganhar as ruas e trabalhar” (p. 47) - mas ora, como se isso não fizesse parte da vida das negras, desde sempre.

Na mesma obra, Collins ainda aponta que “As mulheres negras fazem parte de um contingente de mulheres que não são rainhas de nada, que são retratadas como antimusas da sociedade brasileira, porque o modelo estético de mulher é a mulher branca” (p. 47). A discussão é promissora, e nos leva a refletir que nunca fomos frágeis, nossos corpos e nossa cor nunca foram respeitadas, preservadas ou exaltadas, pelo contrário, sempre fomos violadas, folclorizadas, marginalizadas e tratadas como seres que não se encaixam nos “ditos padrões” dessa sociedade branca, que é racista, patriarcal, machista, misógina, e que determina as hierarquias de gênero, dentre outras. Audre Lorde, também citada na obra, é acionada para propor a seguinte reflexão: “como mulher negra e lésbica, ela se via obrigada a escolher contra qual opressão lutar, sendo que todas a colocavam em um determinado lugar” (p. 50), mas nós estamos em vários lugares, não se nega uma identidade para poder se afirmar outra.

Chegamos ao último capítulo da obra, em que Djamila vai mostrar “o que é o lugar de fala?”. Pensando no “discurso” como uma manifestação de um imaginário social que atualmente se reflete no poder e no controle, é que a autora descreve como a consideração e visibilização de lugares daqueles historicamente excluídos (as mulheres negras). São vários os pontos de vista quando falamos do lugar de fala, “diversidade, teoria racial crítica e pensamento decolonial” (p. 57). É permitir que esses grupos de excluídos/as possam acessar lugares de cidadania, onde certos grupos que ocupam esses espaços desde sempre têm restringido outros a estas oportunidades. A classe, o gênero, a raça e a sexualidade devem ser entendidas como elementos de estruturas sociais que favorecem essa gama de desigualdades.

Compreender que o que esses grupos exigem é seu lugar de direito, e se isto não ocorre, “É aí que entendemos que é possível falar de lugar de fala a partir do *feminist stand-point*: não poder acessar certos espaços acarreta a não existência de produções e epistemologias desses grupos nesses espaços” (2019, p. 63, *grifos da autora*), como poder cursar uma faculdade, ser professor/a, ser autores/as de livros, ser jornalistas, ter uma carreira política, enfim, ter cargos e uma carreira como qualquer outro indivíduo. “O falar não se restringe ao ato de emitir palavras, mas poder existir” (2019, p. 64), e essa existência a tanto tempo negada, se torna resistência quando buscamos espaço para termos nossas vozes e direitos assistidos plenamente.

Quem pode falar e quem não pode? Em sua obra, Djamila discorre sobre este ponto ao dizer que “Busca-se aqui, sobretudo, lutar para romper com o regime de autorização discursiva.” (2019, p. 69). Rompendo com o silêncio instituído, falando e falando da negritude, de gênero, de feminismo, de sexismo, de possibilidades reais, de respeito, de uma igualdade de fato.

Considerações finais

Com esta obra, podemos verificar que cabe a nós mulheres a construção de uma identidade reivindicada de mulher negra que possa se constituir como sujeito histórico e político nos setores em que estamos inseridas. O ativismo e a militância do feminismo da mulher negra são tão necessários ainda e, usar nossas experiências e nossa intelectualidade, nos possibilitará discutir e disputar projetos e ações efetivas no intuito de nos fazer representadas. É preciso reconhecer as diferenças entre as mulheres brancas e negras, e fazer deste fato algo positivo que nos insira em posições que as brancas ocupam, levando-nos, dessa forma, a buscar novos lugares, porque estes espaços sempre nos foram negados, usurpados e impossibilitados de acesso pelo projeto racista da sociedade patriarcal.

Assim, a compreensão do lugar de fala descrito no livro, nos permite entender que as palavras não funcionam numa mecânica, mas nas representações coletivas que atravessam as experiências individuais dos autores/as. Devemos repensar epistemologias e saberes acerca do debate que se coloca na sociedade, pois todos temos direito ao “lugar de fala”. A própria Djamila confere isto ao fazer a marcação do seu lugar, onde seu modo de dizê-lo deixa explícito dois posicionamentos, em que o primeiro, marca a relação de poder - no sentido de que é a detentora de conhecimento- e, ao mesmo tempo, mostra que sua relação de poder intelectual não a desloca do seu lugar de fala, justamente pelo fato de ser mulher e negra. E, embora sempre empregue seus conhecimentos para a compreensão desse lugar social de marginalidade e silenciamentos, nem sempre tem seu lugar de fala garantido.

Referências

RIBEIRO, Djamila. **Lugar de fala**. Feminismos plurais. Coordenação: Djamila Ribeiro. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019. 3ª Reimpressão.